



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

**Órgão do Partido  
Operário Revolucionário**  
☎ (11) 95446-2020  
[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org)  
@massas.por  
[anchor.fm/por-massas](https://anchor.fm/por-massas)

**MANIFESTO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR)**

## **Trabalhadores franceses mostram o caminho da luta, enfrentar o capitalismo em decomposição Viva as greves e manifestações dos explorados no mundo todo!**

**06 de abril de 2023**

As manifestações massivas e radicalizadas, as greves e os bloqueios na França, contra a odiada contrarreforma previdenciária, já duram mais de dois meses, ganhando apoio dos trabalhadores em diversas partes do mundo.

O presidente da França, Emmanuel Macron, teve de recorrer ao Artigo 49-3 da Constituição para impor à força a contrarreforma. Ao não conseguir apoio suficiente no parlamento, evidenciou sua fraqueza política diante da crise que abala a França e a Europa.

O movimento que há dois meses contesta o aumento da idade e do tempo de contribuição para se aposentar é parte das mobilizações em vários países europeus, que se defrontam com a alta do custo de vida, os baixos salários e a degradação geral das condições de existência das massas trabalhadoras.

Está sendo fundamental para as mobilizações, o movimento grevista que parou refinarias, afetando o abastecimento de combustíveis em todo país, a greve dos lixeiros, greves na educação e greves em outros setores. De conjunto, o movimento grevista tem colocado Macron e a burguesia francesa em xeque.

O capitalismo se decompõe a olhos vistos e suas manifestações principais são: a crise econômica de 2008, iniciada nos EUA, que ainda não foi superada; a guerra comercial promovida pelos EUA; a longa Pandemia, que matou milhões e derrubou ainda mais a economia mundial; e a guerra na Ucrânia, que tem golpeado os explorados pela elevação da inflação e contenção dos salários.

As sanções econômico-financeiras à Rússia vêm afetando amplamente a Europa e o mundo. Os Estados Unidos não deixaram de ser atingidos, mas comodamente são os principais responsáveis pelo prolongamento da guerra, que adentrou ao segundo ano. A burguesia e os governos europeus, que conformaram a aliança em torno ao imperialismo norte-americano e ao seu braço armado na Europa, a OTAN, assumiram não apenas os perigos de a conflagração ultrapassar os marcos da Ucrânia, mas também a responsabilidade de descarregar todo o peso da decomposição econômica sobre a maioria da população.

Hoje, mais do que no início da guerra, em 24 de fevereiro de 2022, se tornou mais visível e patente que em sua base se encontram o esgotamento da ordem mundial edificada após a Segunda Guerra. A formação do bloco que constituiu a União Europeia não teve como - e nem podia - alcançar independência diante da esmagadora hegemonia norte-americana, que emergiu da Segunda Guerra Mundial. A ruptura causada pelo Reino Unido, com o Brexit, indicou o declínio e o rápido esgotamento da estratégia política que levou à montagem da União Europeia. Um dos sinais mais significativos de que esse caminho, desde sempre, esteve subordinado, em última instância, aos ditames dos Estados Unidos foi a manutenção da OTAN, que, sob as novas condições de desintegração do capitalismo, revelou a sua principal face, que é a de servir à hegemonia norte-americana, que passaria a tornar mais poderosa a potenciação da guerra comercial e, inevitavelmente, a sua transformação em escalada militar.

Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre a guerra, o levante das massas na França e as manifestações que ocorreram recentemente na Inglaterra, Bélgica, Alemanha e República Checa. Trata-se, porém, de reconhecer os vínculos da decomposição do capitalismo com a guerra e a escalada militar e suas consequências sociais. Macron se dispôs a aplicar uma medida autoritária para impor a sua contrarreforma e a correr o risco de desmonte de seu governo, que foi submetido à “moção de desconfiança”, tanto pela esquerda quanto pela direita, em função de duras exigências da burguesia europeia e norte-americana. Em todos os casos de mobilização dos explorados, os governos europeus se guiam pelos reflexos da guerra e das medidas de retaliação econômico-financeira contra a Rússia. Não se permitem vitórias que se contraponham aos esforços de guerra para derrotar a Rússia e abrir caminho a uma livre penetração dos capitais na rica região euroasiática, que até o final de 1991 era controlada pela URSS.

Na França, a repressão tem sido brutal. Macron e a burguesia francesa seguem intransigentes, mas o movimento avança ganhando mais setores grevistas, mobilizações massivas e formação de comitês de luta em diversas regiões. A luta na França atrai a atenção do mundo todo e desperta os explorados para assimilar suas lições e aplicá-las nas diferentes condições dos seus países, já que a burguesia mundial está unida na tarefa de despejar a crise capitalista sob as costas dos explorados.

As maiores centrais sindicais, mesmo burocratizadas, tiveram de se unificar neste movimento, mas em alguns casos já se colocam como possível mediador dos conflitos, propondo soluções intermediárias ao governo. Querem levar a luta para o terreno que estão acostumados, as negociações em torno ao parlamento e governo. As massas devem estar atentas aos desvios. Só pela luta de classes, pelos métodos da ação direta coletiva, é que podemos ter vitórias efetivas, e dar passos na reorganização revolucionária do proletariado.

A crise de direção é profunda, o que explica o fato de não se ter estabelecido no seio da classe operária e dos demais oprimidos o vínculo da guerra de dominação, na Ucrânia,

com a responsabilidade dos governos, que seguem os interesses da burguesia imperialista. E aplicam todo tipo de medida reacionária para manter os lucros dessa minoria.

O Partido Operário Revolucionário (POR) participa desta manifestação frentista em apoio à luta das massas francesas, contra a violência reacionária do Estado e pela vitória da mobilização. Nossa tarefa é também lembrar que o ataque aos direitos dos trabalhadores, que vemos hoje na França, tem se repetido em todas as partes, inclusive aqui no Brasil com as contrarreformas trabalhista e previdenciária dos governos Temer e Bolsonaro.

O governo Lula já manifestou claramente que não vai revogar as malditas reformas, mostrando que desse ponto de vista é continuidade do governo anterior. Sendo assim, o POR defende que as organizações aqui presentes mantenham a frente para responder aos ataques que vêm sofrendo a classe operária no Brasil e à política antioperária do governo Lula/Alckmin. O POR chama os presentes neste Ato a constituírem uma oposição revolucionária ao governo burguês de frente ampla oligárquica.

**Viva a luta dos trabalhadores franceses!**

**Organizar um movimento no Brasil por um programa próprio da classe operária e dos demais explorados!**

*Chamamos as organizações aqui presentes a se colocarem por uma campanha junto às centrais, sindicatos e movimentos camponês e popular para que convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas! E para que levantemos bem alto a bandeira de fim da guerra na Ucrânia! Por esse caminho, os explorados em luta impulsionarão a constituição de uma frente única anti-imperialista.*

**Escute o Massas,**  
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

**anchor.fm/por-massas**

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO  
REVOLUCIONÁRIO**

